

Jubileu de Diamante do Instituto Agrônômico de Campinas

Completo a 27 de junho último 75 anos o grande centro de pesquisas científicas e experimentação agrícola, fundado por D. Pedro II nos últimos anos do Império, quando ministro da Agricultura o Conselheiro Antonio da Silva Prado.

AMPLIAÇÃO

Grande reforma se operou no Instituto Agrônômico durante o governo do dr. Armando Salles Oliveira, sendo secretário da Agricultura o dr. Luis de Toledo Piza Sobrinho. E que com a expedição do decreto de 5 de julho de 1935 passou o referido Instituto a ser o órgão central agrônomo, coordenador de todas as pesquisas científicas agrícolas.

Tomou o governo essa iniciativa não só por considerar a posição geográfica de sua localização mas também os trabalhos técnicos realizados e em andamento desde a sua fundação, em 1887, e ainda, "ao acervo enorme de serviços prestados ao Estado e ao País". Nessa ocasião foram criados os serviços científicos do algodão, da horticultura e de genética que tiveram desenvolvimento. Intensificaram-se do mesmo modo as atividades pertencentes às seções especializadas no cultivo de diferentes espécies de valor econômico, as quais se elevaram no número de 24, em contraposição a apenas 8, previstas na reforma anterior.

ESTRUTURA ATUAL

A atual organização do Instituto é a seguinte:

Divisão de Agronomia — Seções de Algodão, Café, Cana-de-açúcar, Cereais, Citricultura, Frutas de Clima Temperado, Frutas Tropicais, Fumo, Plantas Inseticidas e Medicinais, Viticultura, Oleaginosas, Olericultura e Floricultura, Leguminosas e Plantas Fibregenas.

Divisão de Botânica — Seções de Botânica, Citologia, Entomologia, Fisiologia, Fisiopatologia, Genética, Introdução de Plantas e Virologia.

Divisão de Solos, Mecânica Agrícola e Tecnologia — Seções de Agrologia, Conservação do Solo, Fertilidade do Solo, Irrigação, Mecânica Agrícola, Química, Tecnologia Agrícola e Tecnologia de Fibras.

Divisão de Estações Experimentais — Estações Experimentais de Capão Bonito, Jaú, Jundiá, Limeira, Mococa, Monte Alegre do Sul, Pariqueira-Açu, Pindamonhangaba, Pindorama, Piracicaba, Ribeirão Preto, Santos, São Roque, Tatui, Tietê e Ubatuba.

Divisão de Administração — Seções de Expediente, Material, Pessoal, Protocolo e Arquivo, Setor de Processamento de Despesa e Serviços de Portaria, Expedição, Tesouraria, Oficinas e Garagem.

A diretoria-geral encontram-se subordinadas as Seções de Técnica Experimental de Climatologia Agrícola e de Publicações, a Estação Experimental "Theodureto de Camargo", o Museu, a Biblioteca e o Gabinete Fotográfico. Além dessas dependências dispôs o Instituto Agrônômico de um Conselho Técnico-auxiliar de que, sob a presidência do diretor-geral, participam di-

retores de Divisão, chefes de seção técnica e outros técnicos, de comissões técnicas especializadas em culturas especificamente determinadas, e, ainda, o Fundo de Pesquisas Agrônômicas, administrado por um Conselho integrado por elementos do Instituto e de entidades interessadas nos problemas da agricultura.

ESTAÇÕES EXPERIMENTAIS

No que concerne às estações experimentais, ocupa posição "sui generis" a "Theodureto de Camargo", antiga Fazenda Santa Elisa, localizada em Campinas, na divisa do perímetro urbano. Nesta estão sediadas muitas das seções técnicas e aí é conduzido o maior e mais variado programa de trabalhos, por força de sua condição de prolongamento da sede. Embora não cubra a totalidade das situações ecológicas e agro-econômicas, a rede de estações experimentais permite o estudo de quase todas as culturas possíveis no Estado nas mais distintas condições de solo e clima. Os trabalhos conduzidos nas estações experimentais são diversificados, mas condicionados às peculiaridades agrícolas em geral, da zona.

Assim, sem prejuízo de outras culturas, as Estações Experimentais de Jaú, Mococa, Pindorama e Ribeirão Preto dedicam-se preferencialmente à experimentação com o café; a de Capão Bonito, ao trigo; a de Limeira, aos citros; a de Pindamonhangaba, ao arroz; a de Piracicaba, à cana-de-açúcar; a de Tatui, às plantas fibregenas; a de Tietê, ao fumo, cereais e aos óleos essenciais; as de Santos, Ubatuba e Pariqueira-Açu, à bananeira, à seringueira, ao cacau e ao chá; as de Monte Alegre do Sul, de São Roque e Jundiá, à fruticultura e à horticultura em geral e à cultura da videira em particular.

EXPANSÃO DE SERVIÇOS

Não obstante ser o Agrônomo uma entidade estadual, atende ele a grande número de lavradores de outros Estados da Federação que procuram ensinamentos e sementes básicas. Até mesmo lavradores de outros países, principalmente latino-americanos, solicitam serviços e instruções ao Instituto Agrônômico, pela confiança que nele depositam.

Através de "O Agrônomo", boletim de divulgação geral, dos seus boletins de instruções sobre as mais variadas culturas e da sua revista eminentemente técnica "Bragantia", o Instituto dissemina tudo quanto conquista no campo da ciência agrônoma.

Pelos diferentes meios de difusão escrita, elevam-se a mais de 2.500 a publicações de caráter técnico-científico com os resultados obtidos nos vários setores de pesquisas da instituição.

Amplia ainda mais o Instituto a sua atividade em benefício da coletividade brasileira quando abre, como sempre o

Não deixa de ser uma ocorrência das mais auspiciosas para o Brasil e, especialmente para o Estado de S. Paulo e o município de Campinas, o septuagésimo quinto aniversário da fundação do Instituto Agrônômico, instituição científica das mais reputadas do País, com renome consolidado no exterior, e a que tantos e inestimáveis serviços deve a agricultura pátria.

Há 75 anos, no dia 27 de junho, atendendo ao que lhe representou o ministro da Agricultura, conselheiro Antonio Prado, o Imperador D. Pedro II assinou decreto criando a Estação Agrônômica de Campinas. Na mesma ocasião foram criadas outras estações experimentais de igual natureza em diferentes pontos do País. Nenhuma, entretanto, veio a se projetar tanto quanto a de Campinas que, transformada em Instituto Agrônômico inteiramente dedicada à pesquisa científica e à experimentação, vem atendendo a todos os chamados da economia do Estado e do País, dando, em diferentes oportunidades, novo alento à agricultura com a criação de novas fontes de riqueza.

Fatores de ordem econômica, geográfica e histórica haviam infundido para a localização da nova instituição em Campinas, de onde já então irradiavam as vias de comunicação para as diversas regiões do Estado. Essa situação determinava também a descentralização dos serviços oficiais o que, mediante acordo com o governo da União, levou o então presidente do Estado, dr. José Alves de Cerqueira Cesar, a obter o Decreto Federal n.º 707 de 18-1-1892, que passou aquela Estação para o domínio do Estado com a denominação atual.

DIRIGENTES

O primeiro diretor, dr. Franz W. Daffert, de nacionalidade austríaca, foi mantido até 1897, equacionando os problemas da agricultura paulista com base na experimentação agrônoma. Depois de Daffert, passaram pela administração do Instituto Agrônômico os técnicos Gustavo D'Utra, Uchoa Cavalcanti, Max Passon, Lourenço Gramato, J. Berthel, Theodureto de Camargo, Joaquim Ferraz do Amaral, F. Febeliano da Costa Filho, Henrique F. G. Sauer, José Vizioli, Ismar Ramos, Carlos Arnaldo Krug e Paulo Corrêa de Mello. Atualmente, é seu diretor o engenheiro-agrônomo José Elias de Paiva Netto, conduzindo ao cargo depois de vinte anos de serviços prestados à Instituição.

Até o segundo decênio deste século as atividades do Instituto Agrônômico não se expandiram com grande amplitude. Entretanto, a partir de 1924, já na administração Theodureto de Camargo, foram fixadas para a Instituição as linhas mestras de um programa de pesquisa agrônoma, sendo daí para cá gradativamente reestruturado.